

AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES NA AGRICULTURA BRASILEIRA

Alberto Duque Portugal ⁽¹⁾
Elsio Contini ⁽²⁾

1. Introdução

Embora a agricultura englobe outros subsetores importantes além da produção de grãos, esta tem representado um bom indicador do seu desempenho. Segundo estimativas recentes, a safra de grãos 1996/97 deverá superar a 80 milhões de toneladas, o que representa uma considerável recuperação, comparada com a anterior. Esta safra vem acompanhada por preços internacionais firmes, capazes de remunerar e trazer ânimo aos produtores rurais.

Conjunturalmente, melhor o campo, energias dos agricultores, empresários do *agribusiness*, formuladores de políticas e da academia podem ser canalizadas para uma reflexão sobre o futuro próximo do setor. Quais são as idéias motrizes que estão moldando a agricultura brasileira, envolta no processo de globalização? Quais as forças internas e externas que estão transformando rapidamente o setor? Neste artigo, analisam-se as forças determinantes da evolução da agricultura e como ela está se organizando para responder aos desafios.

2. Determinantes da Evolução da Agricultura

A hipótese básica, assumida neste trabalho, é de escassez de produtos agrícolas, para o final deste século e início do próximo, devido a um aumento da demanda mundial. A reação dos preços internacionais, nestes últimos anos, é uma comprovação dessa perspectiva. Três razões embasam nossa hipótese: (1) crescimento da população mundial, até o ano 2025, segundo a ONU; (2) aumento de renda dos países asiáticos, principalmente na China, atualmente com mais de 1,2 bilhão de habitantes e (3) retirada progressiva dos subsídios agrícolas por parte dos países desenvolvidos (IFPRI, 1995).

Aliadas a essas macrovariáveis externas, existem fatores internos também fundamentais que permitem prever uma evolução positiva da agricultura. A população brasileira continua a crescer, com previsão de atingir, daqui a 20 anos, 200 milhões de pessoas. O crescimento econômico, ainda que a taxas modestas, incorporará mais pessoas ao mercado, hoje marginalizadas. A elasticidade-renda desses grupos para

alimentos naturais ou processados é elevada.

Assumindo-se uma elasticidade-renda média para produtos agrícolas da ordem de 0,5 para o mercado interno, o crescimento da renda *per capita* em 3% elevaria a demanda por aqueles produtos em 1,5% ao ano. Acrescentando-se um aumento populacional de 1,5% e um incremento das exportações de 0,5% ao ano, a demanda média por produtos agrícolas elevar-se-ia em 3,5% ao ano (Tabela 1).

Tabela 1
Projeção do Aumento da
Demanda por Produtos
Agrícolas

Fatores de crescimento da demanda	Aumento anual da demanda (%)
Crescimento de 3% na renda <i>per capita</i> , para elasticidade-renda de 0,5	1,5%
+ Crescimento da população brasileira	1,5%
+ Aumento do mercado internacional	0,5%
Projeção do aumento total da demanda	3,5%

Portanto, para atender à crescente demanda, a oferta de produtos agrícolas deveria aumentar em 3,5% a.a. Para o subsetor de grãos, na hipótese de se manter a atual produtividade, para atender àquela demanda seria necessário incorporar menos de 500 mil hectares por ano, o que é muito pouco para um País com

(1) Presidente da Embrapa
(2) Pesquisador da Embrapa.

tamanha fronteira agrícola. Aliás, historicamente esse subsetor, no período de 1990-95, aumentou sua produção em 4,92% a.a., portanto, superior em 1,52% à demanda projetada para os próximos anos. Esse bom desempenho deveu-se ao incremento da produtividade e pouco à expansão de área cultivada. A produção de proteínas animais também teve um desempenho satisfatório.

O crescimento da demanda, porém, não será uniforme entre produtos e subsetores. Para produtos agrícolas, estudos agregados em nível de País, indicam baixa elasticidade-renda total para o arroz (0,24), negativa para o feijão (-0,53) e altamente positiva para trigo (0,44), milho (0,65) e principalmente para soja (1,33%). (Benevenuto & Souza, 1994).

Um aumento da demanda por produtos agrícolas da ordem de 3,5% por ano pode ser considerada uma taxa conservadora. Embora o mercado interno continue sendo a grande mola propulsora do crescimento da agricultura, o dinamismo do setor reside no mercado internacional, já que o Brasil participa dele marginalmente. Em 1996, para um valor de exportações mundiais da ordem de US\$ 6 trilhões, o Brasil exportou US\$ 47,7 bilhões, representando uma participação de apenas 0,80%.

Com uma política macroeconômica sadia e com quedas de barreiras tarifárias nos países desenvolvidos, o País possui condições excepcionais para exportar mais produtos tradicionais e exóticos, dadas as suas condições agroecológicas diversificadas. A manutenção de mercados atuais e a conquista efetiva de novos depende de um conjunto de fatores condicionantes, na esfera do setor privado e de alguns apoios do setor público. Em resumo, conquistaram-se mercados quando se tem competitividade. Para tanto, o

setor agrícola vem se moldando internamente para esse desafio.

3. Reestruturação da Agricultura

Trata-se de averiguar como a agricultura brasileira está se estruturando para vencer o desafio da competitividade no mercado interno e externo. Essa reestruturação compreende seis características fundamentais: a) produção com escala; b) especialização/diferenciação na produção; c) importância das tecnologias biológicas e organizacionais; d) menos interferência do Governo no mercado; e) expansão do *Agribusiness*, com agregação de valor; e, f) deslocamento da produção de grãos para o Centro-Oeste.

Produção com escala - Acompanhando a tendência de outros segmentos de mercados competitivos, a redução dos custos de produção tem sido acompanhada também de uma diminuição nas margens de lucro. A estabilização econômica no Brasil tomou isso mais transparente. Margens menores, relativamente baixas na atividade agrícola, exigem eficiência para mantê-las e escala de produção para permitir um nível de renda compatível com determinado padrão de vida.

A produção de grãos, por exemplo, exige escala de produção, portanto propriedades médias e grandes. Essa é uma das razões do seu deslocamento para a região dos cerrados. Estima-se que um produtor de milho, para obter uma renda líquida de R\$1.000,00 por mês, deveria cultivar entre 100 e 250 ha, dependendo de seu nível de eficiência e dos preços do produto. Para obter uma renda familiar de R\$3.000,00 mensais, seriam necessários de 720 a 200 ha da cultura.

Na área animal, observa-se a mesma tendência. Segundo dados da CEPAL/SC, o número de produtores de suínos diminuiu de

67 mil em 1980, para 20 mil em 1995, sendo a quase totalidade de integrados. Entretanto, a produção de carne expandiu-se fortemente, indicando ter havido concentração da produção. Estima-se que até o ano 2000 o número de produtores diminua mais ainda, aumentando porém o número de suínos por produtor. O mesmo está ocorrendo na criação de aves e inicia-se com a produção de leite.

Esse fenômeno não é privilégio do Brasil. Nos Estados Unidos, o número de propriedades no período de 1951 a 1989 reduziu-se de 5,4 milhões para 2,2 milhões, uma diminuição de quase 60%. Estudo do Departamento de Agricultura daquele país (USDA) projeta que uma granja típica de leitões nos EUA deverá evoluir de 300 a 500 acres cultivados em 1993 para 700 no ano 2000. Em termos de leitões comercializados, passaria de 1.000 para 6.400.

No segmento de comercialização de produtos do *agribusiness*, a concentração é maior. Na Comunidade Econômica Européia, apenas o maior fornecedor é responsável por 22% do café torrado e do chocolate, 45% dos sorvetes, 53% dos cereais para o café da manhã. Os dois maiores fornecedores respondem por 68% da comida para cães, 45% dos *snaks*, 39% das massas e 33% dos biscoitos (Heijbroek, A M.A.; Nederhoed, A M; Potten, 1995).

Especialização/diferenciação no mercado - Com a elevação da renda e a competição acirrada entre empresas pelo mercado, o consumo vem se diversificando, formando verdadeiros nichos. Há alguns anos, R. Golberg, o pai do *agribusiness*, predizia o fim da era das *commodities*. Novos produtos surgem, novas embalagens, novos processos agroindustriais que diferenciam um produto do outro. Naturalmente, pelo menos no início, com preços diferenciados. A qualidade desempenha um papel importante neste processo.

Cafés são diferenciados pelo gosto e pelo mix entre diferentes tipos. O mesmo acontece com vinhos, carnes e frutas exóticas. São pequenos grandes mercados a explorar. Mas sua identificação, conquista e manutenção exigem tecnologias organizacionais sofisticadas.

Os primeiros a entrar nesses novos mercados usufruem de vantagens em termos de preços. O perigo para os novos produtos, como frutas exóticas, reside na saturação dos mercados, com queda brusca de rentabilidade. Então, os aventureiros saem do negócio e o mercado aos poucos volta a se organizar.

Nos mercados diferenciados, a tecnologia organizacional desempenha um importante papel. É fator de competitividade disponibilizar a produção e organizar a comercialização, de modo a atender à demanda em tempo oportuno e com qualidade. O sistema de verticalização na produção de suínos e aves é um bom exemplo de como esses mercados podem ser organizados, inclusive com a participação de pequenos produtores.

Tecnologia como o mais importante fator de produção - A exemplo do que aconteceu nos países desenvolvidos, a produção cresce com um aumento sustentado de produtividade do fator trabalho e terra, e bem menos pela expansão da área cultivada. Isto significa incorporação progressiva de tecnologia mecânica (substituindo mão-de-obra) e químico-biológica (substituindo terra). Além destas, a tecnologia organizacional assume cada vez mais importância na conquista de mercados, nos aspectos de comercialização e agroindustrialização.

Um novo potencial se vislumbra altamente promissor por meio da moderna Biotecnologia. Novos e velhos produtos com características específicas estão

sendo engendrados nos institutos de pesquisa, públicos e privados. Todo esse arsenal tecnológico visa reduzir custos de produção, aumentar ainda mais a produtividade de recursos escassos, viabilizar a produção em áreas geográficas inviáveis por causa de clima adverso. Isso cria novas vantagens competitivas, principalmente para os primeiros que venham a adotar essas novas tecnologias. Um país em desenvolvimento, como o Brasil, deve estar atento, acompanhando os avanços da biologia moderna, de forma a incorporar as novas tecnologias aos sistemas produtivos, para não comprometer a competitividade da produção agrícola brasileira.

Menos interferência do Governo no mercado - As ações de governo tendem a ser cada vez mais gerais e menos específicas quanto a setores. A política agrícola passa a fazer parte da política global, sem tantas especificidades. O mais importante é a estabilização econômica, a taxa de juros da economia como um todo, o câmbio, o incentivo à modernização tecnológica. O mercado determina o que, quanto plantar, onde plantar e a forma de comercialização dos produtos.

Numa fase de transição, não longa demais, em mercados imperfeitos pode ser necessário algum monitoramento governamental, principalmente quando muitos pequenos produtores vendem produtos para poucos compradores. Mas como regra, a abertura comercial na globalização dispensa políticas de estoques de produtos, por mais "estratégicas" que sejam. A história brasileira recente mostra que depois que o Governo deixou de fazer estoques estratégicos para a carne, os preços se mantiveram mais estáveis durante o ano. Não raro, estoques governamentais têm sido mais uma fonte de corrupção do que benefício para os produtores e/ou consumidores.

Expansão do *agribusiness*, com agregação de valor - Estima-se um mercado mundial de consumo de alimentos e bebidas da ordem de 3 trilhões de dólares americanos. Estados Unidos e Europa representando ao redor de 50% desse mercado, exportavam apenas 4% em *commodities* e 80% de produtos processados. O trigo como *commodity* mantém um valor histórico de US\$200,00/t, ao passo que processado na forma de pasta ou biscoito vale US\$1.700/1.800 a tonelada.

Se, de um lado, países têm obtido vantagens com o processamento de produtos primários, seria ingênuo pensar que podemos exportar somente produtos processados. Nem em todos os setores a competitividade agroindustrial nacional o permite. Parcerias com empresas eficientes de outros países podem ser formas inteligentes de manter e ampliar mercados. Além disso, essa política de não exportar produtos primários *in natura* pode representar perdas de significativos mercados externos, a serem supridos por outros concorrentes.

O mesmo conceito vale para os produtores individualmente. A agregação de valor dentro da porteira da fazenda nem sempre é possível e lucrativo. Mesmo para pequenos produtores que dispõem de mão-de-obra, nem sempre qualificada. Propõe-se uma seleção criteriosa de produtos a serem processados e diferenciados, voltados para mercados identificados. Com a crescente urbanização, a demanda por produtos elaborados na fazenda ampliou, mas exige qualidade, oportuno suprimento e preço competitivo.

Deslocamento da produção de grãos para o Centro-Oeste - Informações recentes comprovam que a produção de grãos vem se deslocando para os cerrados do Centro-Oeste do País, principalmente milho e soja. Estima-se

que os estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Bahia, Mato Grosso, Piauí e Maranhão produzam mais de 13 milhões de toneladas de milho, representando 37% da produção nacional, nesta safra de 1996/97. Os mesmos estados devem produzir ao redor de 12 milhões de toneladas de soja, o que representa 45% da produção nacional prevista.

Por estados, o desempenho mais espetacular ocorre com o Mato Grosso. Para a cultura da soja, de 1 milhão de toneladas em 1984, evoluiu para 5.344 mil toneladas em 1996/97, o que representa um incremento de mais de 5 vezes. Em termos comparativos, situa-se em terceiro lugar, atrás apenas do Paraná e do Rio Grande do Sul. O fenômeno da soja inicia uma transformação significativa em parte considerável de estados tradicionalmente muito pobres, como o Maranhão e o Piauí. No caso do milho, os estados destaques são Minas Gerais com uma produção estimada em 4.485 mil toneladas e Goiás com 3.748 mil toneladas. (Conab, 1997) (Ver Gráficos).

Essa tendência de deslocamento da produção de grãos para o Centro-Oeste fortalecer-se-á nos próximos anos. Além das tradicionais vantagens da disponibilidade de terras baratas, em grandes extensões e mecaniza-

das, ampla região vem sendo recentemente favorecida pela implantação de corredores multimodais de transporte, que permitem um barateamento significativo dos custos de transporte. Os principais são:

- a) Noroeste, abrangendo a Chapada dos Parecis, cerrados adjacentes à BR 364 (Cuiabá-Porto Velho) e mais áreas ao sul do Estado do Amazonas, em uma área potencial estimada em 20 milhões de ha;
- b) Centro-Norte, nos estados de Tocantins, sul do Maranhão e Piauí, sudeste do Pará, leste de Mato Grosso e noroeste de Goiás, com potencial para 21 milhões de ha;
- c) Nordeste, com áreas de abrangência nos estados de Minas (norte), Bahia e Pernambuco, sob a influência das extensões navegáveis do rio São Francisco e suas adjacências; e,
- d) Centro-Leste, na área de influência do entorno do Distrito Federal, noroeste de Minas até Pirapora e Belo Horizonte, com potencial estimado em 13 milhões de ha (Licio & Corbucci, 1996).

4. Consideração Final

Embora não de uma maneira uniforme no tempo, a agricultura comercial evolui, encontra aos poucos seu caminho na efici-

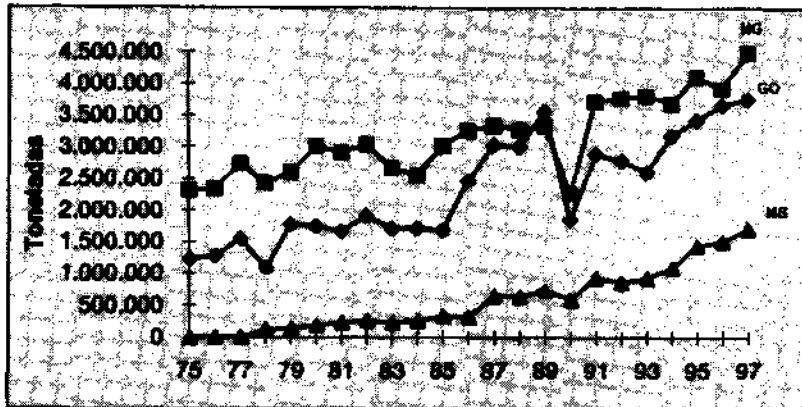
ência produtiva, com redução de custos e aumento de produtividade. No processo de ajuste de um mercado fechado para mercados globalizados, de interferências governamentais frequentes para maior liberdade de mercado, muitos pequenos produtores ficaram à margem do processo. A migração rural-urbana não foi suficiente para absorver quantidades significativas de mão-de-obra não qualificada. Assim, o custo social do ajuste é grande.

Na construção de uma sociedade democrática e civilizada que pretendemos ser, cabe ao Governo propiciar, aos que estão à margem do processo de desenvolvimento na agricultura também, oportunidades para o seu engajamento no mercado. Seria ingênuo esperar que todos os pequenos produtores se tornassem empresários rurais eficientes. Mas, oferecer oportunidades significa treinamento para atividades agrícolas para os que desejarem continuar vivendo no campo e preparação para outras profissões para os que preferirem migrar. Oportunidades significam informações oportunas e úteis para todos os produtores. Oportunidades significam sinalização para a entrada de pequenos produtores em nichos de mercado ou em elos da cadeia que, por sua capacidade, não teriam chance de identificar. A decisão cabe aos próprios pequenos produtores!

BIBLIOGRAFIA

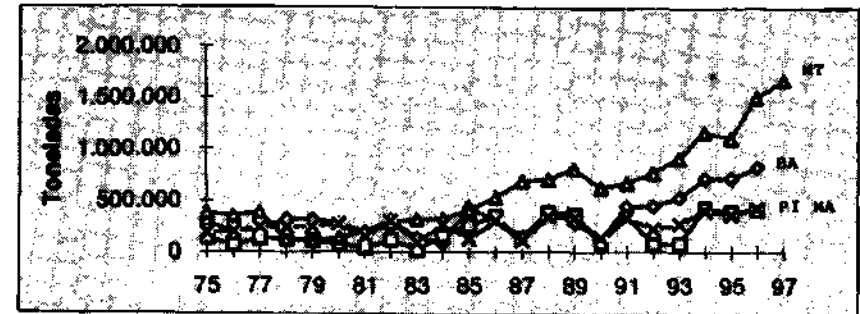
- BENEVENUTO, A & SOUZA, G.S. Elasticidades de Demanda de Produtos da Lavoura Brasileira. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. 1994, vol. 32, n. 1, p. 47-58
- CONAB. *Previsão e Acompanhamento de Safras*. Ano 21. N. 3, Fev. 1997. Brasília, 1997.
- HEIJBROEK, A M.A; NEDERHOED, A M; POTTEN A J. van. *The international food industry*. Rabobank Nederland. 1995. P 75.
- IFPRI. *A 2020 Vision for Food, Agriculture, and the Environment*. Washington (DC), 1995. 145 p.
- LICIO, A & CORBUCCI, R. A Agricultura e os Corredores Multimodais. *Revista de Política Agrícola*. Ano V, n. 02 (Abril-Jun. 1996). P. 22-36

Evolução da Produção de Milho em Estados da Fronteira Agrícola



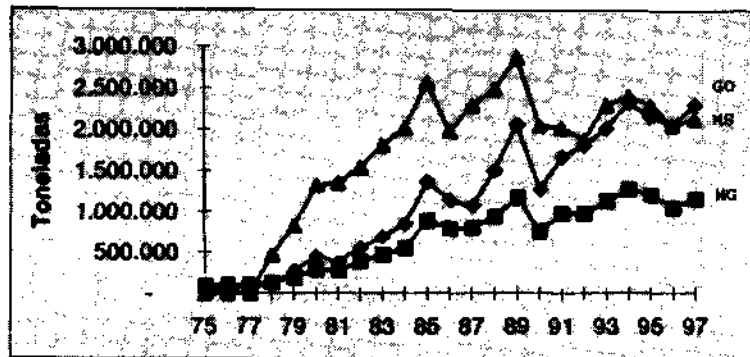
Fonte: IBGE e CONAB

Evolução da Produção de Milho em Estados da Fronteira Agrícola



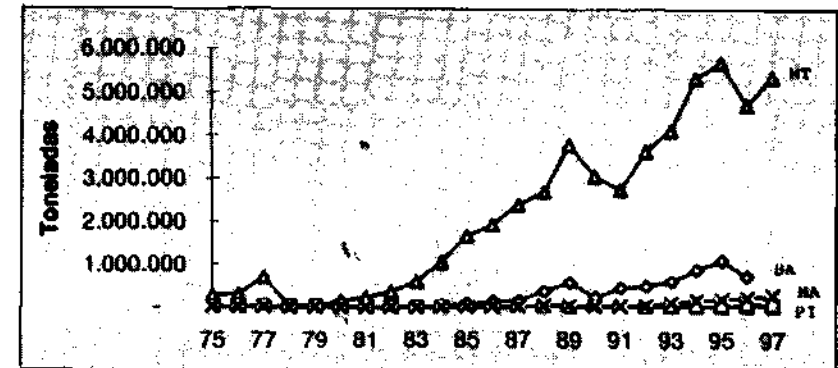
Fonte: IBGE e CONAB

Evolução da Produção de Soja em Estados da Fronteira Agrícola



Fonte: IBGE e CONAB

Evolução da Produção de Soja em Estados da Fronteira Agrícola



Fonte: IBGE e CONAB